



A COR DIVAGANTE MAI-BRITT WOLTHERS

CURADORIA | CURATED BY
LIGIA CANONGIA

ABERTURA | OPENING
19.07 19H

VISITAÇÃO | VISITS
19.07 — 26.08

RUA DONA MARIANA 137 CASA 2
BOTAFOGO - RIO DE JANEIRO
PORTASVILASECA.COM.BR
+55 21 2274 5965





PORTAS
VILASECA
G A L E R I A

A COR DIVAGANTE
MAI-BRITT WOLTERS

CURADORIA
LIGIA CANONGIA

19 JUL — 26 AGO 2023

Temos o prazer de apresentar a primeira exposição individual da artista **MAI-BRITT WOLTERS** na **Portas Vilaseca**, em cartaz de **19 de julho a 26 de agosto de 2023**.

"**A COR DIVAGANTE**" tem a curadoria de **Ligia Canongia** e reúne cerca de 25 telas - muitas inéditas - que ocupam os três andares do edifício da galeria em Botafogo.

Dinamarquesa radicada em São Paulo desde o final dos anos 80, Wolthers traz em sua pintura o legado moderno das formas puras, como visto em Arp, Miró e Matisse, além de retomar o cromatismo simples e afetuoso de Guignard e Volpi. Dessa tradição, a artista enuncia formas que se movem com fluidez entre abstração e representação, e que se pronunciam mais na sugestão do que na definição figurativa. Suas criações apostam num equilíbrio visual e misturam imaginação e real, experiência e racionalidade.

CAPA

MAI-BRITT WOLTERS

Sem título, 2023

Acrílica e grafite sobre papel

150 x 152 cm

A artista raramente usa a cor que sai diretamente dos tubos de tinta, preferindo, ao invés, misturá-las e experimentá-las no exercício do próprio fazer, como se cada fragmento da superfície exigisse a sua própria cor, com valor singular e absoluta autonomia. A visão fragmentária e a imprecisão formal que se espraiam no espaço da pintura são operações originárias do efeito cromático de cada fragmento, são construções, a bem dizer, exclusivas da cor.

Apesar de surgir como artista em plena década de 1980, que se caracterizou pelo retorno à pintura, Mai-Britt não compartilhou os modelos caudalosos da chamada transvanguarda, preferindo, ao invés, manter uma paleta delicada, fiel à sutileza de seus traços e à potência que vislumbra no aspecto lúdico com que seus recortes e fragmentos "brincam" no espaço.

"**A COR DIVAGANTE**" está aberta para visita pública de terça a sexta-feira, das 11h00 às 19h00; e aos sábados, das 11h00 às 17h00. Entrada gratuita. A Portas Vilaseca está localizada na Rua Dona Mariana, 137, casa 2 - Botafogo - Rio de Janeiro, RJ. Esperamos a sua visita!



PORTAS
VILASECA
G A L E R I A

A COR DIVAGANTE
MAI-BRITT WOLTERS

CURADORIA
LIGIA CANONGIA

19 JUL — 26 AGO 2023









Sem título, 2015

Acrílica e giz pastel sobre papel

120 x 150 cm







Sem título, 2018
Acrílica sobre papel
100 x 152 cm







Sem título, 2020

Acrílica e grafite sobre papel

180 x 152 cm



Sem título, 2023
Acrílica sobre papel
75 x 55 cm









Sem título, 2021

Acrílica, pastel e grafite sobre papel

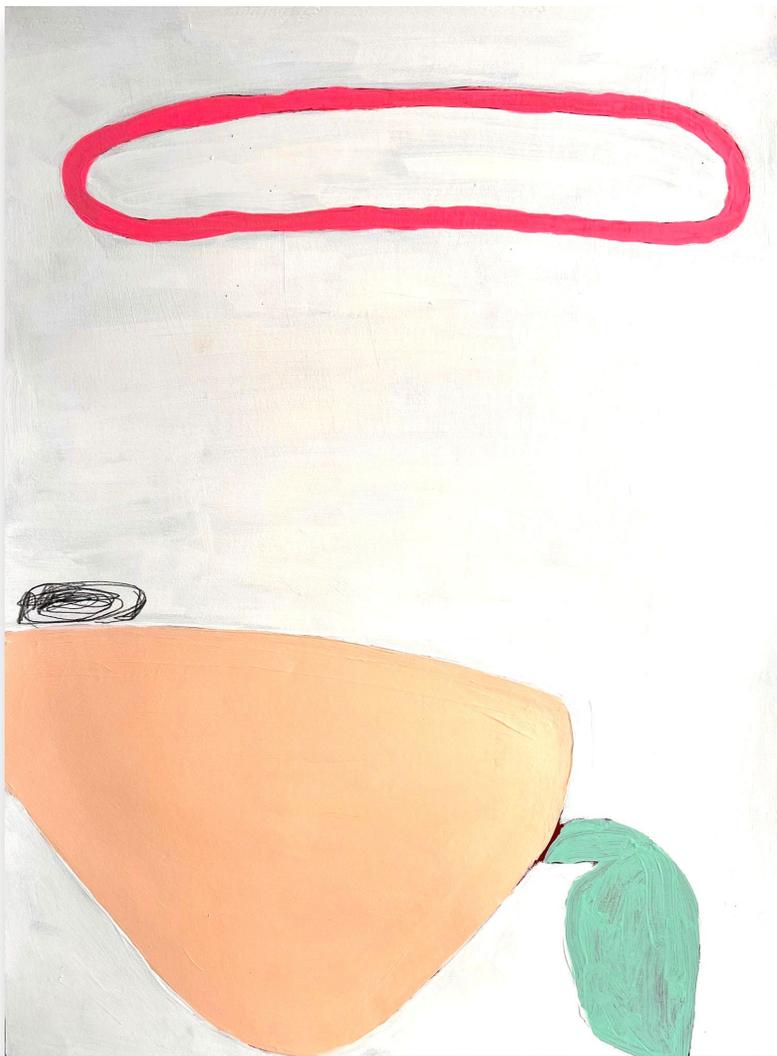
180 x 152 cm





Sem título, 2023
Acrílica sobre papel
150 x 152 cm





Sem título, 2023
Acrílica sobre papel
75 x 55 cm



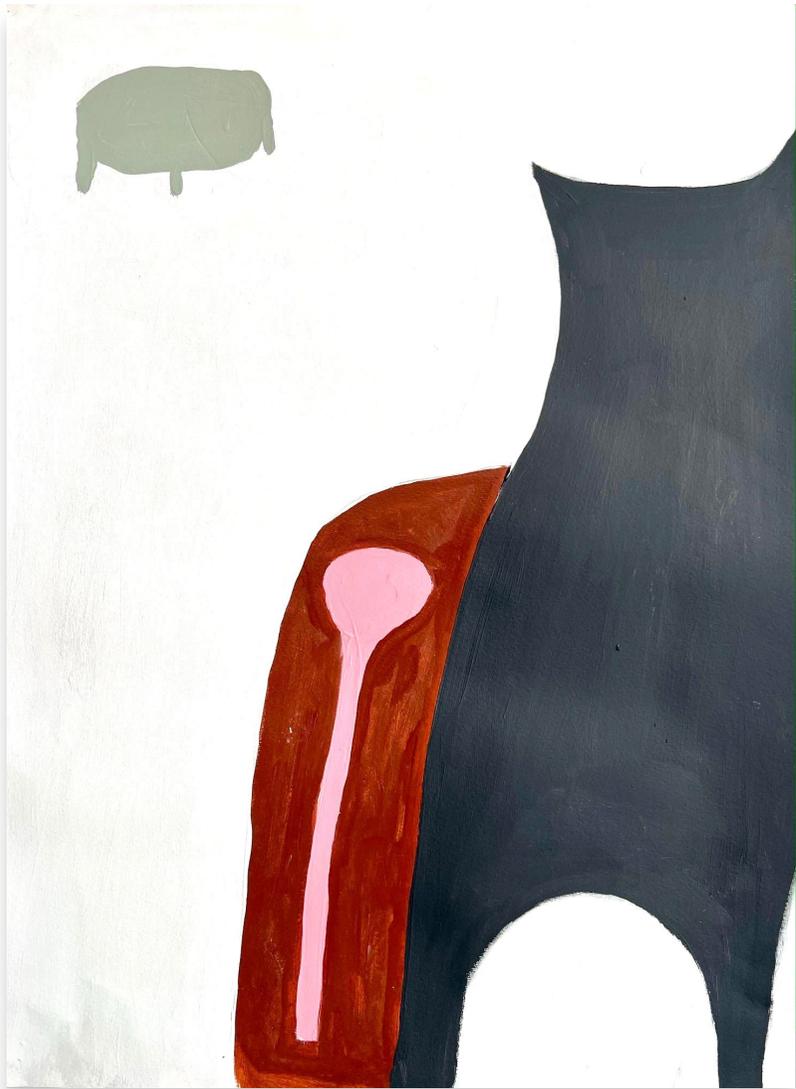




Sem título, 2023
Acrílica sobre papel
75 x 55 cm



Sem título, 2023
Acrílica sobre papel
75 x 55 cm



Sem título, 2023
Acrílica sobre papel
75 x 55 cm



Sem título, 2023
Acrílica sobre papel
75 x 55 cm



Sem título, 2023
Acrílica sobre papel
75 x 55 cm



Sem título, 2022
Acrílica sobre papel
75 x 55 cm





Sem título, 2018
Acrílica e grafite sobre tela
190 x 160 cm



Sem título, 2023
Acrílica sobre papel
75 x 55 cm



Sem título, 2023
Acrílica sobre papel
75 x 55 cm





Sem título, 2022
Acrílica sobre papel
65 x 51 cm











Sem título, 2023
Acrílica sobre tela e tinta escorrida
40 x 30 cm







Sem título, 2018

Acrílica, giz pastel e grafite sobre tela

162 x 146 cm



Sem título, 2018

Acrílica e pastel oleoso sobre tela

162 x 142 cm







Sem título, 2020
Acrílica sobre tela
170 x 200 cm





Sem título, 2023

Acrílica e pastel oleoso sobre tela

128 x 184 cm



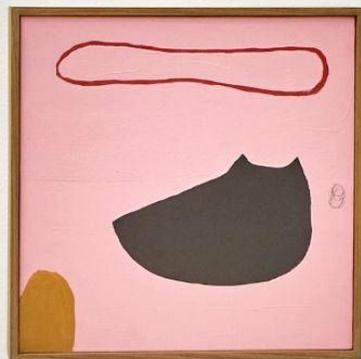




Sem título, 2023

Acrílica e pastel oleoso sobre tela

155 x 195 cm





Sem título, 2023
Acrílica sobre tela
40 x 40 cm

Mai-Britt Wolthers: cores que abrigam o mundo¹

Ligia Canongia

Na urgência de instituir parâmetros para classificar movimentos da história da arte, leituras modernistas e dogmáticas erigiram uma falsa questão: a oposição entre abstração e figura. Como todo raciocínio opositivo, baseado em identidades estáticas e conclusivas, represava-se nessa dicotomia uma enxurrada de formalizações situadas às margens dos dois extremos antagônicos, na fronteira entre eles ou tocando nos dois termos simultaneamente.

Não há dúvida que o Brasil dos anos 1950, com o projeto construtivo instaurado e enunciando uma potência moderna vigorosa, sedimentou no meio artístico, e em caráter decisivo, a influência da abstração geométrica internacional. Não se discute tampouco que a apropriação da arte abstrata nessa época teria sido a verdadeira porta de entrada do país na modernidade, estabelecendo a geometria como modelo. Mas o colapso dessa vigência hegemônica já se anunciava no final da década, quando, não apenas argumentou-se sobre a inviabilidade do construtivismo na realidade brasileira, híbrida e multiforme, como se clamou por matrizes mais elásticas e polivalentes.

Mai-Britt Wolthers afina-se com esse tipo de emancipação e sua obra retoma uma linhagem histórica menos comprometida com campos disciplinares rígidos e binários, com a ordem positivista ou com o racionalismo. Assim, dialoga com artistas da tradição moderna como Arp, Miró e Matisse, fundadores de uma visualidade personalíssima, de certa forma *gauche* em relação aos padrões dominantes nas vanguardas europeias, e cujos rastros podem ser claramente detectados na pintura da artista. Com eles, Wolthers compartilha formas que se movem com fluidez entre abstração e representação, formas que se desviam das identidades explícitas, e que se enunciam mais na sugestão do que na definição figurativa.

A recuperação dessa genealogia, no entanto, não dá conta das questões que fomentam a pintura de Mai-Britt Wolthers, e nem explicita o modo como ela reprocessa a história para transformá-la numa criação original. Não nos parece, por exemplo, que a artista opere com a mesma exuberância colorista e a mesma *joie de vivre* de Matisse, com seu excesso de luz e vibração cromática. Também não nos parece que ela siga à risca as curvas sinuosas e sensuais de Arp, que jamais conheceu o traçado de uma linha reta.

¹ A partir de palavras da própria artista, publicadas no catálogo da exposição “*Incertezas amanhecem*”, Galeria Eduardo Fernandes, São Paulo, 2018.

A absorção do parentesco, portanto, exhibe zonas de afinidades e de conflitos, é sempre parcimoniosa e seletiva, preservando a autoria e a singularidade da obra. A rigor, a estrutura formal de sua pintura é divagante por natureza, um campo errático onde as figuras brotam por si mesmas e se espraiam livremente na tela, sem um sentido prévio e sem narração. A familiaridade com o real pode aparecer numa determinada figura para logo ao lado sumir em outra, ou simplesmente desaparecer por completo em toda a tela. Não se trata, por conseguinte, de representar a objetividade do mundo, mas de dar origem a uma realidade paralela, cuja existência pertence ao imaginário da artista, e que só vem à tona na superfície da pintura. As sugestões de objetos conhecidos, as simples manchas ou as figuras “recortadas” do cotidiano, isto é, toda a imprecisão e a alternância figurativa que se desenvolvem nas telas de Mai-Britt Wolthers são criação pura do ato pictórico. E somente a relação entre as cores determina a atmosfera ambiental e espiritual dessa pintura.

Dinamarquesa de nascimento, tendo chegado ao Brasil em 1986, a artista iniciou sua atividade artística com estudos nada sistemáticos, em poucas escolas especializadas da cidade de Santos (SP), encontrando sua linguagem, afinal, de forma praticamente autodidata. Os sinais da modernidade europeia, contudo, já estavam incorporados e atuantes desde o despertar do trabalho, sobretudo em razão do contato com a arte nórdica do grupo *Cobra*, e com artistas de Copenhague, como Asger Jorn, um de seus fundadores.

A desenvoltura espontânea, as inscrições soltas, o imaginário infantil e primitivo e o livre trânsito do inconsciente, marcas do movimento *Cobra* que eram próximas da estética surrealista, certamente também participaram da formação da pintura de Mai-Britt Wolthers. Entretanto, da mesma forma que as afinidades com Arp ou Matisse se diluem diante da originalidade de suas próprias questões, aqui também a artista se destaca da gestualidade aberta e da paleta agressiva de Jorn, assim como se distancia das texturas espessas e das cores excitantes e emocionais do grupo europeu, substituindo a visão trágica do homem do entreguerras (1918–1939) pela perspectiva existencialista e melancólica do indivíduo contemporâneo do pós-guerra.



A cor na pintura de Mai-Britt Wolthers é algo complexo: está longe de ser um elemento decorativo, e mais longe ainda de se reduzir à expressão volitiva de um sujeito ou ao emblema político de um grupo. Ela se reporta certamente à função estrutural que sempre lhe coube no edifício histórico da pintura, alicerçando o mundo das formas. Está lançada ali como referência constitutiva do meio físico fluido da pintura da artista, querendo inscrever como realidade concreta a existência deambulatoria da forma, a despeito de sua imprecisão e de suas divagações espaciais.

A relação de Mai-Britt Wolthers com a cor parece bem enunciada numa das telas da exposição, o "escorrido", que pressupõe o derramamento de tinta para fora da pintura. Ali, é como se a área rosa do quadro tivesse ganhado corpo físico e transbordasse para além dos limites da superfície, querendo afirmar, mais do que uma ação enquanto cor, uma ação enquanto espaço proponente de sensações. Não sem motivos, a artista raramente usa a cor que sai diretamente dos tubos de tinta, preferindo, ao invés, misturá-las e experimentá-las no exercício do próprio fazer, como se cada fragmento da superfície exigisse a sua própria cor, com valor singular e absoluta autonomia. A visão fragmentária e a imprecisão formal que se espriam no espaço da pintura são operações originárias do efeito cromático de cada fragmento, são construções, a bem dizer, exclusivas da cor.

O fato da artista já estar no Brasil nos anos 1980, época da eclosão internacional da pintura, poderia apontar para sua adesão a uma voga de caráter geracional amplamente compartilhada, em prol do retorno à temporalidade dos meios artesanais como revanche às experiências conceituais e tecnológicas anteriores. Afinal, essa era uma questão que interessava aos jovens artistas de então, voltados para o *cul-de-sac* e a falta de perspectivas dos movimentos da antiarte. A retomada da pintura, que então se tornaria nômade e histriônica, portava ainda uma interrogação sobre a legitimidade do racionalismo moderno e sua persistência no mundo contemporâneo, questão que o meio artístico internacional recuperava e repudiava. Mai-Britt Wolthers pode bem ter compactuado com essas preocupações de ordem ética com outros artistas de sua geração, mas seu envolvimento com a chamada “transvanguarda” ou com as neovanguardas pós-modernas não parecia ir muito além disso.

O escopo formal de sua arte já estava estabelecido desde suas experiências iniciais com a aquarela, e jamais poderia se identificar com as representações barrocas, simbolistas ou maneiristas dos anos 80, sob a pena de abalar o próprio “chão” onde se assentava. A expressividade cromática exacerbada e a grandiloquência da figuração, que estiveram na base daquela nova pintura mundial, pouco ou nada interferiram nos arranjos formais da artista, que pareciam bem mais tributários da cor singela e aquosa de Volpi, por exemplo, do que das cores abrasivas dos “matéricos” da Casa 7, seus contemporâneos em São Paulo.

Mai-Britt Wolthers permanecia, portanto, fiel à sutileza de seus traços, à potência que vislumbrava na delicadeza das cores e ao aspecto lúdico com que seus recortes e fragmentos “brincavam” no espaço, preservando sua linguagem de invasões contingentes e oportunistas.

Estrangeira em “terra brasilis”, talvez estrangeira em qualquer parte, a pintura de Mai-Britt Wolthers é um território solitário de invenção, que encontra seus raros pares na modernidade, mas que se desvia com independência do rol das linguagens reabilitadas pelos pós-modernos. Sua concepção espacial plena de acontecimentos fragmentários e repentinos, sua pincelada de pouca densidade e movimentos comedidos e suas superfícies planares e uniformes não têm, em absoluto, ligação com a gestualidade turbulenta dos anos 80, com aquela materialidade excessiva e os arroubos narrativos de sua figuração. Aos ruídos, a artista superpõe o silêncio; às cenas caudalosas e explosivas, ela substitui cenários íntimos e quebradiços que aludem a uma realidade existencial desconhecida; às paisagens e interiores explícitos, entra com a sugestão de formas e cores inesperadas que se bastam na incompletude. Em Mai-Britt Wolthers, na sua fantasmática tão particular, o real não cabe nos modelos da representação, uma só cor pode “abrigar o mundo” e “as incertezas amanhecem (sempre) mais belas”.²

² A partir de palavras da própria artista, publicadas no catálogo da exposição “*Incertezas amanhecem*”, Galeria Eduardo Fernandes, São Paulo, 2018.

MAI-BRITT WOLTERS

Gilleleje, Dinamarca, 1962

Vive e trabalha em Santos, SP, Brasil

Trabalha com pintura, escultura, gravura e vídeo. Em sua pesquisa e prática, explora a relação entre cor e forma, criando um movimento entre abstração e representação. Suas criações apostam num equilíbrio visual e manifestam mais uma sugestão do que uma definição figurativa, misturando imaginação e real, experiência e racionalidade.

Já expôs em inúmeros espaços no Brasil, e também na Suíça, Portugal, Dinamarca e Reino Unido. Entre as exposições individuais que participou nos últimos anos, destaque para: “*Hileia*”, Centro Cultural dos Correios – Rio de Janeiro (2010); e “*Equações*”, CCSP – Centro Cultural São Paulo – São Paulo (2014).

Entre as exposições coletivas, destacamos: X Bienal Nacional de Santos, SP (2006); XI Bienal do Recôncavo, Bahia (2011); “*I’m Rosa*”, Lamb-arts, Londres (2016); além de participações na Charlottenborg Spring-exhibition 2017 e Kunstnernes Efterårsudstilling 2021, ambas em Copenhague, Dinamarca.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS MAIS RECENTES

- 2022 - *Brooklyn Compositions*. New Sphere, Nova York, EUA;
- 2022 - *Fragmentos do Real*. Galeria Eduardo Fernandes, São Paulo, SP, Brasil;
- 2019 - *Confluências em Verde*. Galeria Matias Brotas, Vitória, ES, Brasil;
- 2019 - *Incertezas amanhecem*. Galeria Eduardo Fernandes, São Paulo, SP, Brasil.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS MAIS RECENTES

- 2021 - *Portos*. Sesc - Santos, SP, Brasil;
- 2021 - *Kunstnernes Efterårsudstilling*. Den Frie, Copenhague, Dinamarca;;
- 2019 - *Compositions*. Galerie Espace-L, Genebra, Suíça;
- 2019 - *Imprecisão Azul*. Brisa Galeria, Lisboa, Portugal;
- 2017 - *Bleu, blue, azul*. Galerie Espace-L, Genebra, Suíça;
- 2017 - *Charlottenborg Spring-exhibition*, Charlottenborg Kunsthall, Copenhague, Dinamarca;
- 2016 - *I’m Rosa*. LAMB-arts, Londres, Reino Unido.

COLEÇÕES

- Prefeitura Municipal de Gribskov, Dinamarca;
- Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro, Brasil;
- Senac - São Paulo, SP, Brasil;
- MAC - Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul, MS, Brasil;
- Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, SP, Brasil;
- CCSP - Centro Cultural São Paulo, SP, Brasil;
- MAR – Museu de Arte do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

LIGIA CANONGIA é crítica de arte e curadora

independente, com residência no Rio de Janeiro. Graduada em Letras e pós-graduada em História da Arte e da Arquitetura pela PUC-RJ, é autora e/ou organizadora de diversos livros, dentre eles “Eduardo Sued” (Cosac Naify); “O legado dos anos 60 e 70” (Zahar); “Artur Barrio” (Modo/Petrobras); “Geração 80: Embates de uma geração” (Francisco Alves/Barléu) e “Angelo Venosa” (CosacNaify).

Vem realizando trabalhos de curadoria desde a década de 1980, no Brasil e no exterior. Foi titular da coluna de arte do jornal *O Globo* e assessora da Fundação Nacional de Arte (Funarte), assim como integrou a equipe de curadoria do MAM - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Nos últimos anos, assinou, dentre outras, as retrospectivas dos artistas Waltercio Caldas (CCBB – RJ e Brasília, Raymundo Colares (Centro Cultural Light – RJ); Jac Leirner (CCBB - RJ e Brasília) e Angelo Venosa (MAM- RJ, Palácio das Artes - BH e Pinacoteca do Estado de São Paulo). Foi também curadora de exposições de grande porte, dentre elas as de Miguel Rio Branco (MAM-RJ), Mario Cravo Neto (CCBB-RJ), José Damasceno (Espace Topographie de l’Art, Paris, Casa França - Brasil e Santander Cultural) e Marcos Chaves (MAR – RJ).

Foi curadora da primeira exposição de grande escala dedicada à relação entre Arte e Fotografia no Brasil (CCBB – RJ), com a publicação de um livro sobre o assunto.

De 2009 e 2010, foi curadora da Casa de Cultura Laura Alvim, a convite da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

Foi também curadora, em parceria com o historiador suíço-brasileiro Adon Peres, das exposições internacionais “Nan Goldin” (MAM-RJ), “Meias-verdades” (Oi Futuro – RJ) e “Imaterialidade” (Sesc – SP).

Entre 2006 e 2007, viveu em Paris com o Prêmio Icatu de Arte, dedicado a profissionais da área de cultura.

Em 2020, foi indicada ao Prêmio Mário de Andrade, concedido pela Associação Brasileira de Críticos de Arte, pelo conjunto de sua trajetória.

An abstract artwork featuring three bright blue, semi-circular or bowl-shaped forms stacked vertically on a textured, olive-green background. The top shape is the smallest, the middle one is larger, and the bottom one is the largest and partially cut off by the edge of the frame. The blue shapes have a slightly irregular, hand-painted appearance.

© 2023 Portas Vilaseca Galeria

Jaime Portas Vilaseca

Fundador e Diretor

jaime@portasvilaseca.com.br

Frederico Pellachin

Diretor de Comunicação e Relações Institucionais

fredericopellachin@portasvilaseca.com.br

Clara Reis

Diretora de Vendas

clarareis@portasvilaseca.com.br

Ana Bia Silva

Assistente de Produção

anabiasilva@portasvilaseca.com.br

A COR DIVAGANTE

MAI-BRITT WOLTERS

19.07 - 26.08.2023

Curadoria Ligia Canongia

Montagem Los Montadores

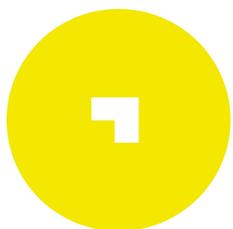
Iluminação Antonio Mendel

Fotos Rafael Salim

Design Gráfico Bia Machado

Revisão Rosalina Gouveia

Tradução John Norman



PORTAS
VILASECA
G A L E R I A

Website: portasvilaseca.com.br

Facebook: facebook.com/portasvilaseca

Instagram: [@portasvilaseca](https://instagram.com/portasvilaseca)

Twitter: [@portasvilaseca](https://twitter.com/portasvilaseca)

Artsy: artsy.net/portas-vilaseca-galeria

+55 21 2274 5965

galeria@portasvilaseca.com.br

Rua Dona Mariana, 137 casa 2

Botafogo 22280-020

Rio de Janeiro RJ Brasil

